

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 9 de novembro de 2011**

Texto de referência: O senso religioso (cap. XI). Brasília: Universa, 2009, pp. 169-181.

- *Il viaggio*
- *Ojos de cielo*

Carrón: O que acabamos de cantar é o que deveríamos aprender esta noite. “Tu escutavas todos falando, depois nos falaste de Ti, daquele mundo distante, distante, distante, mas verdadeiro. Depois, caíste na armadilha do ódio e do poder”, e começa o caminho: “O sol da manhã me encontrou no caminho, perseguindo o tempo que eu havia perdido. Atravessei os montes, atravessei o mar e, agora, quero, contigo, continuar a minha viagem. Eu Te busco em todas as casas, falo com todos sobre Ti e sobre aquele mundo distante, distante, agora [agora!], é cada vez mais verdadeiro!”. A questão é esta: se seguindo o caminho o mundo é cada vez menos verdadeiro, ou se a realidade, o caminho, o torna cada vez mais verdadeiro.

Colocação: *Estive nos funerais de Giovanni, o jovem universitário que morreu na sexta-feira num acidente de carro, aqui em Milão; estudava veterinária. Todas as vezes que celebro ou participo do funeral de um jovem me comove pensar nos pais, que podem recordar os momentos passados com seus filhos; e me digo: que provação, que dor! Como uma pessoa faz para sustentar algo assim, para não ficar doida? E a única coisa que eu dizia é: Senhor, abrace-os, somente a certeza em Ti pode sustentá-los. Depois, a mãe contou que você telefonou para ela, dizendo que ela deveria ter a certeza de que o bem de que ele se fez sinal agora, é maior do que o bem que ela, como mãe, poderia ter dado. Pensei: é exatamente assim. Mas, lendo o décimo e sobretudo o décimo primeiro capítulo de O senso religioso, Dom Giussani diz que simplesmente a exigência do coração é, por si mesma, prova do fato de que exista uma resposta. E assim eu pensava naquela mãe; o fato de ter tido o filho por vinte e dois anos e o fato de ter a exigência e o desejo que seu filho estivesse vivo já é prova de que a resposta existe. Mas, eu pergunto: é possível para um ser humano – um pai, uma mãe – sustentar isto sem Cristo? É possível que a razão possa, de forma titânica, afirmar isto sem Ele, sem serem abraçados?*

Carrón: Esta é uma pergunta decisiva, e vocês mandaram cartas sobre isto, porque todos sentimos a urgência de uma pergunta assim. A razão sozinha pode nos sustentar diante das contradições da vida? Esta é uma pergunta que devemos manter aberta, e espero que no fim da Escola de Comunidade, com o percurso que faremos, consigamos responder. Todos – ou pelo menos muitos – ficaram perturbados com a última Escola de Comunidade, quando fiz uma afirmação decisiva: “Este não é um problema de fé, é um problema de razão”.

Colocação: *Da última vez, no fim, você disse: “Tudo o que existe, na medida em que aconteceu, na medida em que o Mistério permitiu que acontecesse – porque tudo tem uma razão n’Aquele Tu –, pelo fato que aconteceu, é uma provocação para a nossa vida, ou seja, um convite para a mudança, é uma oportunidade para um passo em direção ao destino, é para nós, é caminho, é instrumento do nosso caminho, é sinal, digamos: a realidade é sinal. Esta é a natureza última da realidade, e aquilo que a crise coloca diante de todos é este desafio, para nós e para os outros, porque o desafio é para todos”. E depois, na sexta-feira, em Assago, você disse: “A positividade se revela somente para quem aceita este desafio”. Para mim, estas linhas abriram um mundo que, antes, eu não olhava dessa forma e que, agora, começo a olhar. Que a positividade da realidade não coincida com aquilo que é agradável ou desagradável, isto eu tinha presente; mas agora você nos está levando para dentro de nós algo que, para mim, é novo, novo. Tenho tantos exemplos; o último que eu queria contar diz respeito ao encontro com uma garota que um amigo me indicou porque perdeu o trabalho, uma garota que acabou de sair da escola e que me disse que havia tomado bomba no último ano do Ensino Médio. Aí, eu soltei uma frase de efeito: “Olha, mas isso não é um dos*

maiores problemas da vida, vai!”. E ela me diz: “Não, eu fui salva pela repetência!”. Dei um pulo na cadeira, porque a repetência, para um jovem do Ensino Médio (você está no último ano, e deve voltar para o mesmo lugar, quando todos os seus amigos seguem avante), é um obstáculo, uma circunstância nada agradável – certamente não é dramática como a que acabamos de ouvir sendo descrita, mas de qualquer forma não é nada desejável –; e ela me diz, tranquila, que foi o que a salvou. Não queria voltar para aquela escola, mas voltou por insistência de sua mãe, e ali encontrou novos companheiros, um ambiente que a escancarou. E depois ela me diz: “Eu, antes de ter tomado bomba, era desligada da vida, e desde aquele momento todas as circunstâncias que enfrentei dali para frente [dali para frente], bonitas ou feias, não fizeram outra coisa que escancarar, que aumentar a minha vivacidade”. E é neste ponto que vem a questão: o que é positivo? E isto é objetivo: não algo que, por força, é agradável, mas algo que me ajuda a conhecer cada vez mais algo de mim e do Mistério, do objetivo para o qual eu existo.

Carrón: Depois voltaremos a falar sobre isto.

Colocação: Aconteceu-me o seguinte: há um mês, alguns amigos da Romagna vêm jantar em minha casa com outras famílias. Entre elas estão os pais do menino sobre o qual se falava em Passos de novembro: não podia nem mesmo nascer por causa de uma grave deformação; não apenas nasceu, como já está fazendo cinco meses de vida. Alguns dias atrás, uma amiga que tinha vindo à nossa casa me mandou uma mensagem e contou aquilo que havia acontecido a ela no dia anterior, ou seja, que um casal de amigos os havia chamado, a ela e a seu marido, com urgência, parecia ser uma coisa muito grave; em resumo, o mundo desmoronou para eles, porque estavam esperando o quarto filho: problemas econômicos, idade, dificuldades. Esta amiga me escreveu e me disse: “Eu tive que escolher; poderia fazer o velho discurso justo sobre como ficar diante de algo assim, porém escolhi contar a eles o contragolpe que vivi quando encontrei aqueles pais, e os convidei a ler o artigo em Passos. Alguns dias depois, estes amigos me chamaram outra vez, e eu fui até eles e os encontrei completamente diferentes de como os havia visto três dias antes, uma brecha se abriu no jeito com o qual eles normalmente olhavam a realidade (e também esta nova gravidez)”. Eu me perguntei: o que quer dizer que esta doença é positiva? O que quer dizer que o drama destes dois pais quanto ao diagnóstico sobre o filho é positivo? Porque introduziram um desafio, uma novidade em mim e nos seus amigos, que chegou de boca em boca, como uma novidade de olhar diverso sobre a realidade, até estes que eu nem conheço, nem mesmo sem quem são, se são cristãos ou não.

Carrón: No que consiste a novidade deste olhar?

Colocação: A novidade deste olhar é, como ela me contou, que se introduziu neles uma possibilidade que antes eles nem podiam imaginar, ou seja, que esta nova criança fosse um dom para eles. Isto ela conseguiu ler em seus olhos três dias depois, enquanto que, três dias antes, lia só o sufoco, só uma definição reduzida da realidade, incluindo aquela criança.

Carrón: Obrigado.

Colocação: Fiquei muito tocado quando, no encontro de sexta-feira, em Assago, você, de uma forma muito impetuosa, afirmou várias vezes que a realidade é positiva porque existe, na esteira daquilo que o capítulo décimo de O senso religioso diz: “O primeiríssimo sentimento do homem é o de estar diante de uma realidade que não é sua, que existe independentemente de si e da qual depende”. Lendo o capítulo seguinte, eu o senti muito conforme a minha experiência, porque os dias são cheios das exigências que estão descritas ali; porém entendo também que eu, tantas vezes, em nome da exigência que aflora em mim, elimino o dado da realidade. Por exemplo, em nome da exigência de justiça elimino quem me fez uma injustiça; enquanto que você, no percurso, não se desvia do primeiro ponto, ou seja, do primeiro parágrafo do capítulo décimo, que descreve o dado objetivo da realidade. E, portanto, me surge a pergunta: por que, eu, pelo contrário, me desvio?

Carrón: Eu estava esperando estes testemunhos, porque, agora, podemos entender o que está em foco. Vou ler esta carta, porque resume os elementos que vieram à tona: “Caro Julián, escrevo-lhe porque já tem um tempo que você tem gritado em alta voz – e o fez também no encontro de sexta-

feira passada sobre a crise [no Fórum de Assago, não apenas aqui, no nosso esconderijo!] – que a realidade é positiva porque existe. Quanto a esta insistência, nasceu-me uma pergunta: eu me dou conta, pela minha experiência, que um olhar assim sobre a realidade, o começar a percebê-la como algo positivo me vem apenas do encontro. Somente desde quando encontrei Cristo é que comecei a perceber isto, porque, antes, para mim, a realidade sempre foi uma prisão, dos estudos aos problemas da minha família; somente a partir do momento em que encontrei Aquilo que verdadeiramente corresponde ao meu coração, é que comecei também a me colocar diferentemente quanto àquilo que eu tinha diante de mim. Por isso, em síntese, entendo que o ponto da questão é Cristo, não a realidade. Você nos disse que, sobre isto, sobre este uso alargado da razão, sobre o fato que a realidade é positiva porque existe, podemos desafiar a todos. E então eu lhe pergunto: como isto é possível? Como é possível que eu diga a um amigo que sofre que a realidade é uma oportunidade, sem que ele jamais tenha conhecido Jesus? Uma pessoa pode chegar a olhar a realidade como Dom Giussani descreve em *O senso religioso* sem ter encontrado Jesus? Talvez eu não tenha entendido o que você está dizendo no último período. Por isso gostaria que você me ajudasse a esclarecer isto”. Em suma, parece que tudo se resolveria dizendo “Jesus”. Mas, olhem o que diz imediatamente depois, como se não tivesse nada a ver com o que acabara de escrever: “Mas, eu queria lhe dizer algo. Eu não consigo evitar o aborrecimento que a afirmação ‘a realidade é positiva’ provoca em mim. Isto por causa da influência do poder, no qual sou sempre tentado a reduzir a palavra ‘positiva’ a ‘desejável’ ou ‘agradável’, como você nos disse; no entanto, eu mesmo não conseguiria gritar isto como você tem feito [podemos dizer isto entre nós, no nosso esconderijo, no nosso oratório, mas dirigi-lo a todos, não!]. Ainda penso que a positividade do real depende do fato que as circunstâncias sejam boas ou más [como todos, e então a pessoa se pergunta: para que serve Cristo?]. Não consigo me livrar inteiramente desse pensamento de fundo que emerge sempre de novo a cada vez que eu escuto dizer que a ‘realidade é positiva’”. Esta é uma fotografia do nosso problema! Sem a fé, eu não posso dizer “a realidade é positiva”, mas uma vez que eu tenha a fé, basta dizer “Cristo”!? Mas, para nós, o que significa dizer “Cristo”? O que é Cristo? Um consolo? É apenas um tranquilizante? Olhem que divisão entre Escola de Comunidade e vida, entre aquilo que dizemos aqui e aquilo que podemos dizer na praça pública. Então, começamos a colocar no foco o que ainda não entendemos – não tem problema, entenderemos, não se preocupem – desde o dia 26 de janeiro: o que é a fé, ou seja, o que é o encontro com Cristo para despertar todas as exigências do homem. Vemos que há uma modalidade de viver e de conceber a relação entre Cristo e a razão como coisas justapostas. E no que se vê que são justapostas? Que dizer “Cristo” não coincide com um uso da razão que me permita dizer que a realidade é positiva (“Sinto todo o aborrecimento diante desta afirmação”!). Mas, muitos pensam que é porque não dizem “Cristo”. E, pelo contrário, não é isso: este amigo disse “Cristo”, e assim fotografou a questão. Tantas vezes eu fui repreendido porque falo da razão e não de Cristo – este amigo está falando de Cristo –, ou porque eu falo do coração e não de Cristo – este amigo está falando de Cristo –; mas há uma modalidade para falar de Cristo que é perfeitamente inútil para a vida! Não é que não se fale de Cristo, mas Cristo é afirmado sem que algo aconteça no sujeito, na sua relação com o real. Atenção: aqui não estamos afirmando que seja possível viver a realidade sem Cristo – só faltava isso! –; o problema é o que entendemos por fé, porque vemos que há um modo de dizer “Cristo” que é perfeitamente inútil, porque não é capaz de arrancar o aborrecimento e, como ele disse, “não é capaz de romper totalmente a minha medida”. E o que é a “medida” se não a razão como medida? E a que conduz viver a razão apenas como medida? Ao fato que eu vivo e me relaciono com a realidade como todos, e não consigo conceber que a positividade do real não possa depender do fato que as circunstâncias sejam boas ou más: “Não consigo me livrar inteiramente desse pensamento de fundo que emerge sempre de novo a cada vez que eu escuto dizer que a ‘realidade é positiva’”. Ou seja, há um modo de falar da fé, há um modo de falar de Cristo, que não é capaz de alargar a razão e, portanto, tudo depende de quando a realidade coincide ou não com a minha medida. Quando a realidade vai além da minha medida, quando o desafio da realidade vai além da minha medida, é malvada. Sabemos qual é a verdadeira natureza da razão, aprendemos isto desde sempre em *O senso religioso*: esta abertura para a totalidade, que todo o capítulo décimo nos documenta e que o

décimo primeiro documenta ainda mais, quando fala do positivismo, do sinal, das exigências. Mas esta abertura, como vemos, não se sustenta sozinha e acaba se fechando. Aquele ímpeto com o qual a pessoa nasce do seio de sua mãe, esta curiosidade infinita da criança, diminui. Por isto, no dia 26 de janeiro, dissemos que é apenas Cristo que revela o senso religioso, o educa e o salva, e que sem isto, sem que Cristo o revele, o eduque e o salve, o nosso senso religioso (ou seja, a nossa razão, a nossa liberdade, a nossa afeição) diminui. Então, dissemos que Cristo é o único que pode salvar o senso religioso, porque é apenas Ele que volta a escancarar o eu, toda a exigência do eu. Então, como sabemos que é Cristo? Sabemos que Cristo existe não porque dizemos “Cristo” – como tantas vezes dizemos, de forma apenas nominalista, e não O vemos, não O podemos reconhecer –; sabemos que Cristo existe, que Cristo está agindo no meio de nós, porque é capaz de despertar o senso religioso, ou seja, a razão, a liberdade e a afeição. E por isso o senso religioso é a verificação da fé, do encontro acontecido, porque existe uma modalidade de falar do cristianismo no qual, no fundo, não acontece nada, tanto é verdade que não é capaz, nem mesmo por um instante, de arranhar a razão ou a afeição. Por isso não entendemos o que dizemos – e isto não é outro *slogan*, por favor! – que o cristianismo é um acontecimento. Porque a pergunta é: o que acontece no eu quando acontece o cristianismo? Acontece algo que é útil para a vida, para o relacionamento com o real, ou não acontece nada? Ou acontece apenas um sentimentalismo superficial, tanto que, um instante depois, voltamos à medida de antes? Verdadeiramente Cristo é capaz de despertar o humano? E o que é humano? Os cabelos? Os cabelos se arrepiam? Ou é a razão, a liberdade e a afeição? Então, não estamos falando da razão fora do acontecimento cristão, mas estamos fazendo a verificação se o acontecimento cristão é capaz de fazer-nos usar a razão assim, de despertar a razão assim. Exatamente por isto, continuo a dizer que é um problema da razão. E não porque a razão possa ser verdadeira razão sem o Acontecimento, mas exatamente porque é o que salva a razão! E, por isto, no Dia de Início de Ano, respondendo à pergunta: “Onde nasce e como se realiza uma razão assim?” (estava tudo contido aqui), eu respondia: “Uma razão capaz de reconhecer o real em toda a sua profundidade nasce e se realiza no acontecimento cristão [estou, por acaso, falando disto sem Cristo?]. É por causa do acontecimento cristão que a razão realiza a sua natureza de abertura diante do revelar-se mesmo de Deus. Entende-se porque Dom Giussani disse que ‘o problema da inteligência está todo no episódio de João e André’ [...]. Por este motivo, no dia 26 de janeiro passado, [...] começamos lembrando que ‘o coração da nossa proposta é [...] o anúncio de um acontecimento acontecido, que surpreende os homens do mesmo modo com o qual, há dois mil anos, o anúncio dos anjos em Belém surpreendeu pobres pastores. Um acontecimento que acontece, antes de toda consideração sobre o homem religioso ou não religioso’”. E como é que sei que isto aconteceu, no que se vê? Ou é apenas uma afirmação aleatória? É um nominalismo? Se estamos dizendo que o cristianismo é um acontecimento, no que posso reconhecer que acontece? Porque não estou dizendo um pensamento, não estou dizendo um sentimento, não estou dizendo um estado de ânimo: estou dizendo um acontecimento! E me perguntava: como se vê que entrou na nossa vida? E eu citava uma vez mais Dom Giussani: “Do fato que ‘este acontecimento – diz Dom Giussani – ressuscita ou potencializa o senso elementar de dependência e o núcleo de evidências originárias para as quais damos o nome de senso religioso’ [...]. Este é o motivo pelo qual o acontecimento cristão torna o homem mais homem, ou seja, mais capaz de viver segundo as suas evidências originais, mais capaz de ser tocado pelo real, de viver a realidade segundo a sua verdade, porque capaz de usar a razão segundo a sua verdadeira natureza de abertura para a totalidade da realidade. Somente uma ‘razão aberta para a linguagem do ser’ [...], como o Papa acabou de dizer na Alemanha, pode alcançar o real”. Então, se, para nós, dizer “fé”, dizer “acontecimento cristão”, não significa um uso novo da razão, o que quer dizer? Não somos visionários, porque, finalmente, podemos usar a razão segundo a sua natureza. Se o nosso cristianismo, como diz Dom Giussani, é um cristianismo sem senso religioso (como pode acontecer), ou seja, sem que escancare a razão, achamo-nos afirmando Cristo nas nossas práticas de piedade, mas continuamos sendo racionalistas na vida. Ou seja, a divisão entre o saber e o crer permanece intacta. Isto não é um problema para os intelectuais, não, porque eu, quando a realidade me aparece de uma certa maneira, não estou mais presente, não consigo mais dizer que a realidade é positiva; porque quando digo que a realidade é

positiva, isto vale apenas se eu o posso dizer de forma racional, de outra forma não conseguirei me livrar do pensamento de fundo segundo o qual, no fundo no fundo, eu estou apenas me auto-convencendo. E então, se não temos a coragem de dizer para nós mesmos que a realidade é positiva, pensem se seremos capazes de dizê-lo para outra pessoa! Entendem que, assim, a nossa contribuição como cristãos é perfeitamente inútil? Porque se continuamos a viver a realidade como todos, o que importa para os outros aquilo que fazemos no domingo de manhã na missa, ou na quarta-feira à noite, aqui? É perfeitamente inútil. Então, aqui se entende aquilo que alguém disse esta noite: quando uma pessoa se encontra diante de alguém que vive de uma maneira diferente e nova frente a um filho com deformações, nesse ponto se abre uma brecha no olhar de sempre, ou seja, a medida se escancara, abre-se uma possibilidade. O que é abrir-se à possibilidade? O que Dom Giussani nos ensinou sobre a razão? Que é salvar a categoria da possibilidade. Sem isto, não há razão. Por que é que a mocinha dizia “a repetência me salvou”? Porque a escancarou, abriu outra vez as janelas do seu *bunker*, fechado no positivismo e na sua própria medida. Então, os capítulos décimo e décimo primeiro não são diferentes. Leio a página 171: “O sinal, portanto, é uma experiência real que me remete a outra coisa. O sinal é uma realidade cujo sentido é uma outra realidade”. Realidade e realidade! Não realidade e virtualidade, mas realidade e realidade! Uma coisa virtual pode gerar uma coisa real? Não; para explicar uma realidade é preciso outra realidade. Se Dom Giussani disse isso no início, imaginem o que diz a respeito de toda exigência: toda exigência precisa, exatamente por esta natureza de sinal, encontrar uma outra realidade sem a qual não existiria, não se explicaria. Dou o exemplo da justiça. Alguns meses atrás, escrevendo o prefácio do livro *Esperienza elementare e diritto* (*Experiência elementar e direito*, sem tradução para o português; *ndt*) de alguns amigos juristas, caiu em minhas mãos uma entrevista do filósofo Paolo Rossi. Com tudo o que escreveu, de uma certa maneira, a sua posição racionalista não conseguiu fechar o cerco. No quê? Ele disse: “Não me importa nada a prova da existência de Deus. Porém, eu carrego esta pedra no estômago: não consigo aceitar facilmente a ideia de que o carrasco e a vítima desapareçam juntas no nada”. O que isto nos diz? Que a exigência de justiça que aquele professor tem é de uma tal natureza que não consegue resolver a questão. E isto não acontece apenas no início da vida ou no início da relação com a realidade, porque quanto mais a pessoa sente a exigência da vida, tanto mais a exigência se torna aguda. Por isso a exigência é exatamente aquilo que nos impede – e assim respondo a última pergunta que foi feita esta noite – de sairmos do real. Olhem o que Dom Giussani diz, numa passagem da página 175: “Não seria um olhar racional e humano para a experiência dessa exigência [*quid animo satis?*] a não ser percebendo que nela está implicada a referência a Outro”. Vale a mesma coisa para falar do amor ou da verdade, ainda mais: seria um assassinato do humano, seria um retirar-se da realidade se alguém renunciasse a isto. Porque quanto mais alguém prossegue, tanto mais vê que – está na página 177 – “o mundo ‘demonstra’ algo de ‘Outro’, demonstra ‘Deus’ assim como um sinal demonstra aquilo de que é sinal”. Então, como percorrer este caminho? Dissemos que, sem aceitar o desafio do real, ele não se revela, porque o significado, ou seja, a positividade da realidade, se revela apenas para quem, sustentado por um uso assim da razão, aceita o desafio do real. Mas nós, tantas vezes, antes que se revele, já estamos distantes milhares de quilômetros, porque não aceitamos a categoria da possibilidade, que no real haja uma promessa que se revela segundo um desígnio que não é o nosso. Escutem o que diz esta carta, respondendo positivamente ao desafio: “Caríssimo amigo Julián, não posso e não quero mais me subtrair do contínuo desafio, insistente, mas tão cheio de caridade, que você lança sem parar, já há alguns meses, ao meu coração. Por isto, na corda bamba, lhe digo: sim, Cristo é o único que permite ao homem resistir aos choques da vida. O cristianismo é o acontecimento acontecido comigo, para mim, que me fez redescobrir e reencontrar um tecido humano [o despertar do humano é o que demonstra que Cristo aconteceu] de que eu nem mesmo imaginava que o meu coração e a minha razão fossem capazes [por isto, quando alguém fala de uma determinada maneira sobre a razão, é porque não sabe o que é, nem qual a novidade que acontece na razão quando Cristo acontece]. Cristo, o meu Cristo, é o único que pode sustentar a minha vida, seja lá qual for o rosto da realidade com a qual eu me embato. Aconteceu-me de me dar conta [porque não é um problema de demonstração: é um se dar conta] de todo este espetáculo de

humanidade passando exatamente através do drama da crise vivida na pele, por causa de problemas de trabalho. Não tenho nada a defender, de forma que não me envergonho de lhe dizer que tive um período no qual eu chegava a casa destruída depois de um dia de trabalho, porque o fio condutor parecia ser ditado apenas pelo que seria de nós, e eu tinha medo. Sim, eu estava assustada com a ideia de perder o trabalho, estava preocupada com o meu futuro, com o futuro da minha família, dos meus filhos, e descobri qual o senso tremendo de angústia, qual a depressão que pode dominar o nosso coração quando você se pergunta ‘e agora, o que eu vou fazer?’, ‘sou tão impotente assim?’, ‘será possível que eu não possa fazer nada [nada lhe é poupado, o caminho é tão humano, nada de visões, nada de soluções mágicas, atravessando a escuridão: lhes interessa?]?’ Tão pressionada assim, porque, como você disse, o Mistério não quis nos poupar nem mesmo da crise, me deixei ajudar somente por uma coisa, pela minha pergunta [ou seja, pela exigência], pela minha necessidade de uma resposta que me ajudasse a colocar os pés no chão quando eu saísse da cama de manhã cedo, sem me deixar levar apenas pelo nó na garganta, mas buscando o sentido, uma resposta naquilo que eu tivesse que enfrentar. Foi este o ponto do meu renascimento humano, porque com um coração tão sedento como estava, arranhei e cavei com minhas mãos aquilo que me parecia apenas uma realidade cheia de lama, na esperança de encontrar um grãozinho de tesouro. Procurando dessa forma, cheguei, por graça, a me dar conta de que a realidade me falava, de que Cristo estava me falando dentro da realidade, e comecei a seguir os sinais. Seguia e me deixava conduzir; seguia e era levada nos braços, e quanto mais seguia, tanto mais me tornava capaz de ler os sinais, de compreender a linguagem do ser. Minha nossa! Que coisa impressionante! Que tremor quando me dei conta disso, e que comoção, agora, ao dizê-lo. Mas, o bonito veio ainda depois. Todo este maravilhamento não se esvaiu, não se exauriu [um instante depois o sentimento passou], mas se ‘soldou’ no meu coração quando entendi, escutando o que você disse no Dia de Início de Ano, que tudo isto permanecerá de pé somente se o meu coração se apaixonar por Aquele Rosto que a minha razão acabou de ser obrigada a reconhecer na realidade. Nesse ponto entendi que eu estava me apaixonando pelo Mistério. E, quando você se apaixonou, a única coisa que você deseja é amar sempre mais, ir cada vez mais fundo naquele relacionamento, ficar perto dele o máximo possível, e que ele possa se tornar, para você, cada vez mais familiar, íntimo e seu, e você se vê querendo se misturar a Ele, sempre mais semelhante a Ele, e olhar tudo com os Seus olhos. Sabe o que me aconteceu? Eu olhei para mim e descobri em mim um desejo de amar, com uma intensidade excepcional para mim, e estou insistindo com os meus amigos sobre isto, e me dou conta de que não estamos habituados a nos olhar assim, a nos amar assim, com este respeito profundo pelo qual, enquanto você olha o rosto de um amigo, olha Cristo com o canto do olho. Mas quanto mais me aprofundo nos relacionamentos, tanto mais me descubro livre e não pretendo mais nada dos outros, porque estou tão contente [apoiada sobre uma plenitude: não pretendo nada porque eu estou tão contente!] de amar assim, de querer bem assim. Pense que toda esta reviravolta para o meu coração partiu da crise. Sexta-feira passada, quando eu o escutava no Fórum de Assago, eu estava tão comovida, porque eu me via descrita pelas suas palavras e, para mim, se esclarecia tudo, tudo encontrou a sua unidade na minha vida. Não é que tem o panfleto, a Escola de Comunidade, o Dia de Início de Ano, tudo em sequência; não, não, não, tudo está unido no meu coração, porque se revelou o Seu rosto aos meus olhos, e agora não posso e não desejo outra coisa a não ser amá-Lo, o meu Cristo, e segui-Lo, e ver para onde me leva, e o que reservou para mim. E que emoção infinita e cheia de respeito ao pronunciar o Seu nome... Obrigada, Julián, obrigada, porque me tomando pela mão como você o fez, você me levou, e continua a me levar, para dentro d’Aquele que é único que pode tornar feliz o meu coração”. Está claro, me parece.

AVISOS:

A próxima Escola de Comunidade vai acontecer na quarta-feira, dia **30 de novembro**, às 21h30. Retomaremos o capítulo 12 de *O senso religioso* (A aventura da interpretação). Se no capítulo 11 nos dedicamos à razão (a parte final do capítulo é a descoberta da razão), nesse outro entra em jogo

o outro grande fator do humano, a liberdade. Então, a questão é surpreender em nós que experiência faremos da liberdade nestes quinze dias, assim como é descrita, de que modo aquilo que nos aconteceu na vida é tão real, foi tão real, que nos permite ser livres.

Para os que desejam enviar perguntas ou breves comentários para o email sdccarron@comunionaliberazione.org peço que o façam até o domingo à noite anterior ao nosso encontro da Escola de Comunidade.

Todo ano repropomos dois gestos de caridade que são de grande alcance:

- A Jornada Nacional da “**Coleta Alimentar**”, que vai acontecer (na Itália) no sábado, 26 de novembro, organizada pela Fundação Banco Alimentar.
- A **Campanha Tendas** da AVSI, que este ano terá como título “Na raiz do desenvolvimento: o fator humano”, para ajudar projetos, sobretudo educativos, no Quênia, Haiti, Egito e Congo.

São muitas as pessoas que encontramos e que respondem espontaneamente à Coleta, e também outras que se envolvem por um ímpeto de generosidade e de gratuidade. Tornou-se uma caritativa nacional, quase o gesto de caritativa do povo italiano, mas tantos têm este ímpeto e não sabem a sua razão. Então, estando juntos durante a Coleta ou durante os gestos da Campanha Tendas, podemos testemunhar a origem, a razão profunda destes gestos que nos educam à caridade muito mais do que mil discursos, para que as pessoas possam ter uma razão que torne este ímpeto de generosidade estável, para que o possam compreender. Além do mais, a situação de crise que a realidade nos coloca diante dos olhos torna ainda mais evidente a razoabilidade destes gestos, sobretudo para uma educação nossa: tendo que pedir a quem encontramos que ajudem outros nas suas necessidades, podemos ficar mais conscientes de tudo o que já recebemos e continuamos recebendo; e podemos também descobrir como estes gestos podem educar um povo a alargar o horizonte para as necessidades de todos.

Através destes gestos podemos introduzir também ao fato que a necessidade que temos é de algo maior, e se participamos da Coleta e das Tendas, não é para preencher o vazio com um gesto generoso que, depois, nos deixa mais céticos do que antes, mas é por causa de uma plenitude sobre a qual estamos apoiados e pela gratidão de ter encontrado a resposta para aquela necessidade.

Deixar se perderem estes dois momentos educativos para as nossas comunidades seria, realmente, um pecado!

Veni Sancte Spiritus